

# Violência e discurso midiático: uma revisão integrativa da literatura

*Violence and media discourse: an integrative literature review*

Karine Melo Ferreira da Silva<sup>1</sup>, Patricia de Oliveira França<sup>2</sup>

## RESUMO

**Introdução:** A relação entre a mídia e a violência é um reflexo das dinâmicas de poder que permeiam a sociedade. As narrativas midiáticas frequentemente se caracterizam por uma abordagem sensacionalista da violência, destacando casos extremos e perpetuando estigmas em relação a determinados grupos sociais. **Objetivo:** Investigar como as narrativas midiáticas sobre violência impactam a formação de políticas públicas no Brasil. **Métodos:** Foi realizada uma Revisão Integrativa da Literatura, com coleta de dados no período de outubro a dezembro de 2024, nas bases de dados SciELO e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Foram selecionados artigos publicados entre 2014 e 2024. Utilizaram-se como descritores de busca as palavras: “Discurso midiático”, “Violências”, “Políticas públicas”, seguidas do conector booleano “AND”. **Resultados:** Foram incluídos 12 artigos como amostra final, cujo conteúdo foi categorizado em três abordagens temáticas: “Narrativas midiáticas sobre violência”, “Impacto na elaboração de políticas públicas” e “Cobertura midiática responsável e ética”. **Conclusão:** As narrativas midiáticas sobre a violência não apenas refletem a realidade, mas moldam o discurso público e influenciam a formulação de políticas públicas no Brasil. Ao destacar soluções voltadas para a inclusão social e a redução das desigualdades, a mídia pode contribuir para a adoção de políticas mais eficazes e humanizadas, promovendo uma sociedade mais justa, segura e menos violenta.

**Palavras-chave:** Exposição à mídia. Violência. Política pública.

## ABSTRACT

**Introduction:** The relationship between media and violence reflects the power dynamics that permeate society. Media narratives often adopt a sensationalist approach to violence, highlighting extreme cases and perpetuating stigmas against certain social groups. **Objective:** To investigate how media narratives about violence impact the development of public policies in Brazil. **Methods:** An integrative literature review was conducted, with data collection between October and December 2024, using the SciELO and Virtual Health Library (BVS) databases. Articles published between 2014 and 2024 were selected. The search terms used were: “Media discourse,” “Violence,” “Public policies,” combined with the Boolean operator “AND.” **Results:** Twelve articles were included as the final sample, and their content was categorized into three thematic approaches: “Media narratives on violence,” “Impact on public policy development,” and “Responsible and ethical media coverage.” **Conclusion:** Media narratives about violence do not merely reflect reality but also shape public discourse and influence the formulation of public policies in Brazil. By emphasizing solutions aimed at social inclusion and the reduction of inequalities, the media can contribute to the adoption of more effective and humanized policies, promoting a fairer, safer, and less violent society.

**Keywords:** Media exposure. Violence. Public policy.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Superintendência de Educação a Distância. Linhares/ES, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória/ES, Brasil.

### Correspondência

patricia.franca@ufes.br

### Direitos autorais:

Copyright © 2025 Karine Melo Ferreira da Silva, Patricia de Oliveira França.

### Licença:

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

### Submetido:

12/2/2025

### Aprovado:

28/3/2025

### ISSN:

2446-5410

## INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno complexo que se manifesta de diversas formas e tem raízes sociais, econômicas e culturais. No Brasil, o aumento dos índices de criminalidade tem gerado uma preocupação crescente, não apenas entre os cidadãos, mas também entre os formuladores de políticas públicas. Neste contexto, a mídia desempenha um papel crucial, não só na informação, mas na construção de narrativas que podem moldar a percepção pública sobre a violência e, consequentemente, influenciar as ações governamentais<sup>1,2</sup>.

As narrativas midiáticas frequentemente se caracterizam por uma abordagem sensacionalista da violência, destacando casos extremos e perpetuando estigmas em relação a determinados grupos sociais. De acordo com Barros e Moraes<sup>3</sup>, essa abordagem pode levar à criação de políticas públicas que priorizam a repressão em detrimento de soluções mais abrangentes e eficazes, como a educação e a inclusão social. A forma como a mídia retrata a violência pode, portanto, impactar não apenas a percepção pública, mas também nas prioridades políticas, contribuindo para a implementação de medidas que muitas vezes não abordam as causas profundas da criminalidade.

A relação entre a mídia e a violência é também um reflexo das dinâmicas de poder que permeiam a sociedade. Estudos têm mostrado que a forma como a violência é representada nas narrativas midiáticas pode reforçar estereótipos e preconceitos, marginalizando grupos já vulneráveis e exacerbando desigualdades sociais. Este fenômeno levanta questões éticas sobre a responsabilidade da mídia na formação da opinião pública e na formulação de políticas de segurança que considerem as necessidades e direitos de todos os cidadãos<sup>4</sup>.

Além disso, estudos recentes indicam que a forma como a violência é noticiada pode intensificar o medo social, gerando uma demanda por políticas de segurança mais rigorosas e, muitas vezes, punitivas, sem uma análise profunda das causas subjacentes da criminalidade. Essa relação entre mídia e políticas públicas é um campo de estudo relevante, pois evidencia como a comunicação social pode in-

fluenciar a formulação de políticas, muitas vezes em detrimento de abordagens que priorizam a prevenção e a promoção de justiça social<sup>5</sup>.

Diante desse cenário, é imprescindível investigar como as narrativas midiáticas sobre violência se traduzem em políticas públicas efetivas. Um olhar atento sobre essa relação pode revelar a necessidade de uma comunicação mais responsável, que não apenas informe, mas também promova o debate e a reflexão sobre as causas da criminalidade. Tal abordagem pode abrir caminho para políticas públicas mais eficazes, que considerem a complexidade do fenômeno da violência e busquem soluções que vão além da mera repressão, priorizando estratégias de prevenção, inclusão social e educação como formas de enfrentar as raízes dos problemas<sup>6</sup>.

Assim, considerando as fontes referidas, este estudo se propõe a analisar o impacto das narrativas midiáticas sobre violência na formação de políticas públicas no Brasil, destacando a importância de um discurso que não só informe, mas que também dialogue com a realidade social e suas complexidades, objetivando contribuir para a construção de um discurso mais justo e consciente, promovendo uma reflexão crítica sobre como as narrativas midiáticas impactam a formação de políticas públicas, considerando o papel da mídia na formação das percepções sociais acerca da violência.

## MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Este tipo de revisão foi escolhido por sua capacidade de proporcionar uma visão ampla e crítica sobre o tema investigado, permitindo incluir estudos teóricos, qualitativos e quantitativos, de forma a integrar diferentes abordagens de pesquisa e oferecer uma análise holística acerca do assunto<sup>7</sup>.

As etapas foram realizadas por uma pesquisadora independente e, para guiar o estudo, definiu-se a seguinte questão norteadora: Como as narrativas midiáticas sobre violência impactam a formação de políticas públicas no Brasil?

As buscas dos artigos foram realizadas nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e

Scientific Eletronic Library Online (SciELO), durante o período de outubro de 2024 a dezembro de 2024, utilizando os seguintes descritores: discursos midiáticos, violência e políticas públicas, por meio do operador booleano “AND”.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: artigos publicados em português, com textos completos disponíveis na íntegra, no período 2014 a 2024, priorizando as publicações mais atuais. Constituíram critérios de exclusão: aqueles em que os textos não atendiam ao objetivo proposto da pesquisa, artigos em duplicidade e pagos.

Após a seleção e análise crítica dos artigos, as pesquisas foram sintetizadas em um quadro para extração das informações, como: título, autores, ano de publicação e objetivo. Como não houve a realização de pesquisas com seres humanos nem o uso de dados confidenciais ou institucionais, não foi necessária a aprovação pelo conselho de ética em pesquisa.

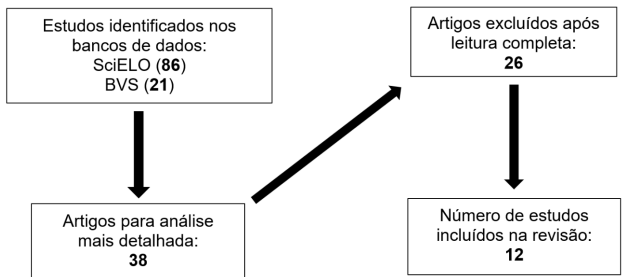
RESULTADOS

Durante o processo de busca, foram encontrados 107 artigos publicados sobre o tema investigado, sendo

86 na Scielo e 21 na BVS. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 38 artigos foram selecionados. Após uma leitura detalhada dos artigos na íntegra, 26 foram descartados por não atenderem ao objetivo da pesquisa, resultando em 12 artigos que foram considerados aptos para compor a revisão.

A Figura 1 apresenta o fluxograma que ilustra as etapas realizadas até a seleção dos artigos finais que foram incluídos neste estudo. Já o Quadro 1 apresenta a síntese dos artigos encontrados e analisados, de forma a elucidar o título dos artigos, autores e ano de publicação. Essa sistematização permite visualizar, de maneira objetiva, o recorte da produção científica selecionada.

FIGURA 1. Fluxograma dos artigos selecionados para compor a revisão integrativa, 2025



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

QUADRO 1. Síntese dos artigos selecionados na revisão integrativa

| Título                                                                                                                | Autor                   | Ano  |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|------|
| “Cê anda igual bandido!”: O que dizem os jovens sobre a construção midiática do criminoso?                            | Daher; Paiva; Barcellos | 2024 |
| Pesquisas sobre violência na escola e a mídia                                                                         | Mota; Gois              | 2023 |
| O “menor infrator” na mídia: etnografia da criminalização da pobreza no G1                                            | Andrade; Silva; Ribeiro | 2020 |
| A presença de oscilações no enquadramento midiático e de interpretações fragmentadas na cobertura do consumo de crack | Ferreira; Moura         | 2020 |
| O “equivoco” como morte negra, ou como “naturalizar” balas racializadas                                               | Marques                 | 2020 |
| ‘Pebas’ e ‘vagabundos’: a representação midiática de criminosos no programa DF alerta                                 | Monteiro                | 2020 |
| A cobertura da mídia impressa e o enquadramento das favelas cariocas na linguagem da violência urbana.                | Palermo                 | 2018 |
| Disseminação do ódio nas mídias sociais: análise da atuação do social media                                           | Stein; Nodari; Salvagni | 2018 |
| (Im)posturas jornalísticas: incompreensões da revista veja sobre B. F. Skinner                                        | Azoubel; Abbud          | 2017 |
| Mídia e políticas públicas: possíveis campos exploratórios                                                            | Penteado; Fortunato     | 2015 |
| Algumas interrogações acerca das produções midiáticas sobre a juventude                                               | Franco <i>et al.</i>    | 2014 |
| Discursos e imagens da violência                                                                                      | Marquetti; Adorno       | 2014 |

Fonte: Elaborado pela autora.

## DISCUSSÃO

No processo de interpretação, após leituras sucessivas dos estudos selecionados para a presente revisão, foi possível desenvolver três abordagens temáticas: “Narrativas midiáticas sobre violência”, “Impacto na elaboração de políticas públicas”, “Cobertura midiática responsável e ética”.

### Narrativas midiáticas sobre violência

As narrativas midiáticas sobre violência desempenham um papel crucial na formação da opinião pública e na construção do imaginário coletivo sobre a criminalidade. No Brasil, a mídia frequentemente adota uma abordagem sensacionalista, retratando a violência como algo associado a determinadas classes sociais ou regiões, o que contribui para a estigmatização de certos grupos. A apresentação da violência, muitas vezes vinculada a figuras marginalizadas e à criminalização da pobreza, influencia não apenas a percepção pública, mas também perpetua uma narrativa de medo e insegurança, impactando diretamente as decisões políticas e sociais<sup>8</sup>.

Outro aspecto relevante é que as narrativas midiáticas moldam a maneira como a sociedade percebe os agressores, frequentemente desconsiderando o contexto social e econômico que contribui para a criminalidade. Estudos demonstram que a criminalização de certos grupos, em especial jovens negros e periféricos, é intensificada pela forma como a mídia constrói e transmite esses eventos. A ênfase na violência como fenômeno isolado das causas estruturais e sociais limita a compreensão das complexidades do crime e sua relação com a desigualdade social, a pobreza e a falta de oportunidades<sup>9</sup>.

Uma falha significativa das narrativas midiáticas é a ausência de discussão sobre as questões subjacentes à violência, como a falta de acesso à educação, a pobreza e a segregação urbana — temas essenciais para a formulação de políticas públicas eficazes. Ao focar apenas nos episódios violentos, sem discutir suas causas sociais, a mídia contribui para uma visão simplificada e distorcida do problema, dificultando a criação de soluções mais estruturadas<sup>10</sup>.

Portanto, é fundamental que a mídia adote uma abordagem mais responsável e reflexiva, que vá além da simples exposição de fatos e passe a explorar as causas subjacentes da violência. A cobertura jornalística pode contribuir para uma compreensão mais profunda do crime, ao adotar um discurso mais educativo e informativo, que considere o contexto socioeconômico das comunidades afetadas<sup>11</sup>.

### Impacto na elaboração de políticas públicas

A relação entre as narrativas midiáticas sobre violência e a formulação de políticas públicas é tanto complexa quanto relevante. A mídia exerce uma grande influência sobre as prioridades políticas, frequentemente direcionando a agenda pública para questões emergenciais, como a violência urbana. Contudo, a forma como esses problemas são apresentados pode resultar em políticas reativas e punitivas, em vez de promover ações voltadas para a prevenção e inclusão social. O medo gerado pela cobertura exagerada da violência, por exemplo, pode levar os governos a priorizarem medidas de repressão policial, em detrimento de estratégias focadas na prevenção<sup>12</sup>.

Outro efeito importante das narrativas midiáticas sobre violência é a maneira como elas moldam o discurso político, muitas vezes contribuindo para a criminalização de determinados grupos sociais. Jovens negros e periféricos, por exemplo, são frequentemente estigmatizados como responsáveis pela criminalidade. Essa representação reforça preconceitos e pode justificar políticas públicas discriminatórias, como o encarceramento em massa, sem levar em consideração as desigualdades estruturais que alimentam a violência. Ao priorizar respostas punitivas, a mídia desvia a atenção das causas subjacentes da criminalidade, como a educação inadequada, o acesso limitado à saúde mental e a desigualdade socioeconômica, perpetuando um ciclo de soluções superficiais<sup>13</sup>.

Por outro lado, quando a mídia adota uma abordagem responsável e esclarecedora, ela pode desempenhar um papel crucial na formulação de políticas públicas mais eficazes. Uma cobertura

responsável não apenas destaca a importância de políticas preventivas, como programas de inclusão social e educação inclusiva, mas também contribui para a compreensão das condições sociais dos indivíduos em risco de violência. Ao considerar esses dados, as narrativas midiáticas podem incentivar a adoção de políticas públicas que abordem as causas estruturais da violência, em vez de se restringirem a tratar somente suas consequências<sup>14</sup>.

Outro aspecto importante é a forma como a percepção pública sobre a violência pode influenciar as políticas públicas. A maneira como a mídia apresenta a violência tem um impacto direto em como a população entende o problema, muitas vezes gerando uma pressão por soluções rápidas e visíveis, que parecem resolver a situação de imediato, mas que resultam em políticas superficiais, que se concentram em respostas urgentes, sem atacar as causas profundas da violência, como desigualdades sociais, falta de acesso à educação e a serviços essenciais. Por isso, é fundamental que a mídia, ao abordar a violência, adote uma abordagem que incentive uma reflexão mais crítica e aprofundada, promovendo discussões sobre soluções permanentes e eficazes que realmente enfrentem as raízes do problema<sup>15</sup>.

### **Cobertura midiática responsável e ética**

Uma cobertura midiática mais responsável e ética é crucial para o desenvolvimento de políticas públicas focadas na prevenção da criminalidade e na promoção da inclusão social. A mídia tem uma responsabilidade ética de não apenas informar, mas também de educar o público sobre as causas e consequências da violência, sem recorrer a sensacionalismo ou a estigmatização de grupos vulneráveis. A maneira como a violência é retratada, muitas vezes sem o devido contexto ou análise crítica, pode distorcer a compreensão pública do fenômeno, dificultando a formulação de soluções eficazes<sup>16</sup>.

Pesquisas revelam que a cobertura midiática da violência seja abordada de maneira ética e humanizada, considerando adequadamente os contextos sociais dos envolvidos. Isso implica tratar tanto as vítimas quanto os agressores como sujeitos sociais inseridos em realidades específicas e distintas. A

mídia não deve se limitar a expor os crimes, mas também deve investigar as causas estruturais da violência, como a desigualdade, a marginalização e a exclusão social. Ao adotar essa abordagem, a mídia tem o potencial de contribuir para a construção de uma narrativa que favoreça a inclusão social e o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a prevenção, a educação e a integração social<sup>17</sup>.

A mídia tem um papel crucial na promoção da justiça social, ao dar visibilidade a políticas públicas que visam reduzir as desigualdades sociais e econômicas. Ao tratar temas como segurança pública e criminalidade de forma ética, a mídia pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, onde os indivíduos sejam reconhecidos como agentes de transformação, e não apenas como vítimas ou criminosos. Ao adotar uma abordagem ética e responsável, a mídia pode ajudar a reduzir a polarização sobre a violência, promovendo um debate público mais construtivo e focado em soluções que favoreçam a inclusão social e a igualdade<sup>18</sup>.

Ressalta-se que uma cobertura midiática mais ética não apenas ajuda a informar a população, mas também contribui para a formação de uma opinião pública mais consciente e engajada na promoção de políticas públicas eficazes. Ao colaborar com a construção de um discurso mais inclusivo e justo, a mídia pode, efetivamente, ser uma ferramenta importante para a transformação social<sup>19</sup>.

### **CONCLUSÃO**

Os artigos analisados neste estudo destacaram a importância das narrativas midiáticas sobre a violência e sua influência na formação de políticas públicas. A mídia desempenha um papel fundamental na construção da percepção pública sobre a violência, especialmente no Brasil, onde frequentemente associa o problema a classes sociais e regiões específicas, reforçando estigmas e contribuindo para a criminalização da pobreza. Essa abordagem sensacionalista leva à adoção de políticas públicas reativas, voltadas para medidas emergenciais, mas que não enfrentam as causas estruturais da violência, como a desigualdade e a falta de acesso a oportunidades.

A forma como a violência é retratada na mídia, muitas vezes sem considerar o contexto social e econômico dos envolvidos, resulta na criminalização de grupos marginalizados, como jovens negros e periféricos. Isso não apenas distorce a percepção pública sobre a criminalidade, mas também dificulta a criação de políticas públicas eficazes. Por outro lado, uma abordagem mais ética e responsável, que leve em conta as causas estruturais da violência e promova a conscientização sobre as desigualdades sociais, tem o poder de mudar a percepção sobre o problema, contribuindo na construção de uma sociedade mais inclusiva.

Ao adotar uma postura informativa e responsável, a mídia pode desempenhar um papel crucial na formação de uma opinião pública mais crítica e engajada, promovendo políticas públicas voltadas para a prevenção da violência e a inclusão social. Uma cobertura que considere o contexto socioeconômico das comunidades impactadas facilita a criação de soluções que abordem as raízes da violência, como o acesso a uma educação de qualidade e a serviços essenciais.

Nesse sentido, é fundamental compreender que as narrativas midiáticas sobre a violência não são apenas reflexos da realidade, mas influenciam ativamente o discurso público e podem impactar diretamente a formulação de políticas públicas no Brasil. Ao destacar soluções centradas na inclusão social e na redução das desigualdades, a mídia pode criar um ambiente favorável à adoção de políticas públicas mais eficazes e humanizadas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, menos violenta e mais segura.

## REFERÊNCIAS

1. Cavagnolli R, Machado E. A influência da mídia na percepção de segurança pública: análise crítica e impactos sociais. *REASE*. 2024;10(9):2184–94.
2. Rodrigues MNM. Narrativas do medo e as políticas públicas repressivas: uma análise do agendamento do jornal O Globo na semana antecedente ao decreto de intervenção federal na segurança do Rio de Janeiro [repositório institucional]. Rio de Janeiro: Pantheon – UFRJ; 2018.
3. Barros A, Morais EP. Violência urbana naturalizada: o papel da mídia na construção social. *Rev Tópicos*. 2024;2(8).
4. Santos FF. Criminologia midiática – o papel da mídia e sua influência na sociedade contemporânea. *Rev Contemp*. 2023;3(8):12939–67.
5. Costa ATM, Durante MO. A mídia e o medo do crime no Distrito Federal. *Opin Publica*. 2022 ago;28(2):487–509. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-01912022282487>
6. Santana BDP, Silva EM, Angelim Y. Negro(a)s na mídia brasileira: estereótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira. *LS*. 2019 dez 28;22(40):52–66. doi: <https://doi.org/10.23925/ls.v22i40.46651>
7. Souza MTD, Silva MDD, Carvalho RD. Integrative review: what is it? How to do it? *Einstein (São Paulo)*. 2010 mar;8(1):102–6. doi: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
8. Monteiro CD. 'Pebas' e 'vagabundos': a representação midiática de criminosos no programa DF Alerta. *Dilemas*. 2020 set 14;13(3):827–48. doi: <https://doi.org/10.17648/dilemas.v13n3.26445>
9. Daher CMS, Paiva FSD, Barcellos LF. “Cê anda igual bandido!": o que dizem os jovens sobre a construção midiática do criminoso? *Psicol USP*. 2024;35:e220070. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e220070>
10. Ferreira FV, Moura DO. A presença de oscilações no enquadramento midiático e de interpretações fragmentadas na cobertura do consumo de crack. *Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*. 2020 jun 26;14(2). doi: <https://doi.org/10.29397/recis.v14i2.1912>
11. Stein M, Nodari CH, Salvagni J. Disseminação do ódio nas mídias sociais: análise da atuação do social media. *Inter*. 2018 fev 16;19(1):43–59. doi: <https://doi.org/10.20435/inter.v19i1.1535>
12. Penteado CC, Fortunato I. Mídia e políticas públicas: possíveis campos exploratórios. *Rev Bras Cienc Soc*. 2015 fev 2;30(87):129. doi: <https://doi.org/10.17666/3087129-141/2015>
13. Marques Junior JS. O “equivoco” como morte negra, ou como “naturalizar” balas racializadas. *Rev Katál*. 2020 ago;23(2):366–74. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p366>
14. Andrade FDS, Silva CMD, Ribeiro R. O “menor infrator” na mídia: etnografia da criminalização da pobreza no G1. *Psicol Cienc Prof*. 2020;40:e217509. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003217509>
15. Azoubel MS, Abbud GM. (Im)posturas jornalísticas: incompreensões da revista *Veja* sobre B. F. Skinner. *Temas Psicol*. 2017;25(1):181–92. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2017.1-12>
16. Franco ACF, Lemos FCS, Ferreri MA, Passarinho L, Macedo AEDA. Algumas interrogações acerca das produções midiáticas sobre a juventude. *Fractal Rev Psicol*. 2014 ago;26(2):415–28. doi: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/872>
17. Mota NSL, Gois ML. Pesquisas sobre violência na escola e a mídia. *Educ Rev*. 2023;39:e39174. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-469839174>
18. Palermo LC. A cobertura da mídia impressa e o enquadramento das favelas cariocas na linguagem da violência urbana. *Civi-*

tas. 2018 abr 13;18(1):212. doi: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.21480>

19. Marquetti FC, Adorno RCF. Discursos e imagens da violência. Saude Soc. 2014 set;23(3):749–63. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000300002>

## DECLARAÇÕES

### Contribuição dos autores

Concepção: KMFS. Investigação: KMFS. Metodologia: KMFS, POF. Coleta de dados: KMFS. Tratamento e análise de dados: KMFS, POF. Redação: KMFS. Revisão: POF. Aprovação da versão final: POF. Supervisão: POF.

### Agradecimentos

Ao curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Prevenção às Violências, Promoção da Saúde e Cuidado Integral, uma Parceria UFES/SEAD.

### Financiamento

UNAC – 2023. Edital FAPES nº 1223/2022 P 2022-40x90.

### Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

### Aprovação no comitê de ética

Não se aplica.

### Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Dados de pesquisa e outros materiais podem ser obtidos por meio de contato com os autores.

### Editores responsáveis

Carolina Fiorin Anhoque, Blima Fux, Franciéle Marabotti Costa Leite.

### Endereço para correspondência

Universidade Federal do Espírito Santo, Av. Marechal Campos, 1468, Maruípe, Vitória/ES, Brasil, CEP: 29043-900.